MORAIS, Bruno Martins. *Do corpo ao pó*: crônicas da territorialidade Kaiowá e Guarani nas adjacências da morte. São Paulo: Elefante, 2017, 368 p.

GABRIELA DE PAULA MARCURIO
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v27i1p415-419

"Do corpo ao pó"[165] é o resultado da dissertação de mestrado de Bruno Martins Morais pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Ana Claudia Marques, premiada como a melhor dissertação em Ciências Sociais pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), em 2016. O livro traz reflexões acerca do genocídio sofrido pelos povos Kaiowá e Guarani, no Mato Grosso do Sul, na lógica do conflito fundiário, a partir de suas relações com o mundo, sendo a terra e o corpo, vivo ou morto, indissociáveis nesse debate.

A etnografia foi feita em acampamentos indígenas na região de Dourados, em especial, no *tekoha* Apyka'i, acampamento de retomada territorial nas proximidades da rodovia BR-463 entre os municípios de Ponta Porã e Dourados. O autor, antropólogo e advogado, estabelece o debate munido de processos judiciais, conteúdos em redes sociais, notícias de jornais, bem como a vasta bibliografia específica a respeito desses povos. Encaminha o trabalho com o cuidado primordial de mobilizar os termos nativos, em guarani, seus significados e usos em diferentes contextos, descobrindo, aos poucos, o modo de pensar e de viver desse grupo Kaiowá e Guarani, nos limites de rodovias e de latifúndios, ameaçados constantemente por agrupamentos paramilitares, na iminência de invasões, atropelamentos e assassinatos.

[165] Escrevi entre aspas duplas as citações diretas e em itálico as palavras em guarani.

Organizada em quatro capítulos, a narrativa tem início com uma contextualização histórica e teórica a respeito dos Kaiowá e Guarani. O primeiro capítulo "As adjacências da morte" evidencia os aspectos essenciais para a compreensão do genocídio indígena como um processo violento de "cerco" nesses cinco séculos de colonização. Esse processo de dominação fundamentado em uma ordem jurídico-estatal impõe limites à terra e aos corpos, cerceando os movimentos e regulando as liberdades. Nesse sentido, o autor investiga possibilidades para interpretar os altos índices de suicídios e homicídios na região. A explicação nativa para esses acontecimentos tangencia o conflito fundiário e aponta para o "vazio" (em guarani, *nandi*) de significados e de possibilidades que a vida no "cerco" representa. A "mistura", *jopara,* imposta sobre as formas de viver e de se relacionar não permite que as manifestações dos vivos e dos mortos aconteçam conforme deveriam.

Como uma continuidade, o segundo capítulo "Terra, território" trabalha com a ideia de Barbosa da Silva (2007) de que a lógica estatal de demarcação territorial e imposição de fronteiras é um processo de territorialização, ao passo que sua ocorrência mobiliza uma contraprodução que resulta na desterritorialização e reterritorialização indígena nos acampamentos e retomadas. A política de territorialização estatal é desfeita conforme se impõe na terra Kaiowá e Guarani, sua constituição é anunciada com sua destituição. Contudo, Morais (2017) argumenta que o próprio processo de territorialização não ocorre sem a desterritorialização e reterritorialização indígena. Trata-se, portanto, de processos interdependentes que operam de modos antagônicos.

Dessa forma, o autor propõe que os processos de territorialização agem tanto sobre a terra como sobre o corpo. O "cerco" pode ser entendido como uma forma de biopolítica para o ordenamento dos corpos indígenas. Essa estratégia é implementada, em última instância, através da necropolítica, exterminando os corpos que não se submetem à disciplina e ao confinamento.

O pertencimento à terra é marcado pelos mortos. A terra é adubada com o sepultamento de um corpo, o cemitério é considerado um lugar de colheita, sendo que o corpo é enterrado no mesmo lugar em que a pessoa nasceu (MORAIS, 2017, p. 181-182). A relação entre sangue, terra e solo são intrínsecas. Apesar do autor não utilizar este termo, as concepções aproximam-se da noção de autoctonia: vir da terra e voltar para a terra. Nesse sentido, os acampamentos de retomada são formados por redes de alianças articuladas pelo sangue e parentesco vinculados à terra, considerando os antepassados e os descendentes na comunidade (MORAIS, 2017, p. 191).

O terceiro capítulo "Reteregua, nos domínios do corpo" e o quarto capítulo "O peso da cruz" focam na cosmologia Kaiowá e Guarani. Morais (2017) articula com a literatura mobilizando trabalhos fundantes a respeito dos Guarani e Kaiowá, sem perder de vista a atual situação do povo do *tekoha* Apyka'i. Assim, o autor elabora suas hipóteses conforme os relatos que lhe fizeram e, posteriormente comparando com a bibliografia já existente. O livro, portanto, se insere num debate central da etnologia a partir de uma nova perspectiva, trazendo percepções da vida indígena em meio ao conflito. Os altos índices de assassinatos e suicídios sublinham certos elementos da cosmologia indígena propondo novas interpretações, como o caso da relação dos Guarani com os ossos dos mortos, antes analisada como uma relação de hostilidade e, agora, avaliada por Morais (2017, p. 200), como uma relação de proximidade e contato impositivo devido ao cenário violento.

Os trabalhos de Cadogan (1997), H. Clastres (1978), Metráux (1979) e Nimuendaju (1987) são algumas das obras revisadas no capítulo três, com o intuito de compreender as noções de "corpo" e "pessoa" para os Kaiowá e Guarani. O autor, contudo, identifica uma lacuna na literatura a respeito, justamente, do tema de seu interesse: o corpo. A centralidade do corpo no modo de pensar de seus interlocutores aponta tal elemento como condição primordial para todas as relações e trocas (MORAIS, 2017, p. 232).

Seguir a trilha da violência levou à morte, que levou ao corpo, à terra e ao cosmos (MORAIS, 2017, p. 34). Corpo e terra são um, mas não são materialidades e, sim, substâncias, evidências do movimento e das transformações de estados físicos e não-físicos (MORAIS, 2017, p. 238). O corpo é um devir em processo constante que finda na terra, compondo um pó indissociável (MORAIS, 2017, p. 256). Dessa maneira, o corpo é entendido como um elemento que define o território, da mesma forma que o território define o corpo. Conforme o corpo-pessoa vive em determinada terra, estabelece relações e trocas com o ambiente, compartilhando uma ecologia. O corpo firma uma relação inseparável com a terra quando, por fim, é "semeado" no cemitério, dissociando-se da pessoa e se inscrevendo definitivamente no espaço (MORAIS, 2017, p. 262-268).

A epistemologia Guarani e Kaiowá tem a terra como princípio e fim, o espaço e o tempo se constituem e se misturam em um processo dinâmico. As certezas, contudo, são proferidas para o final futuro, prevendo como o mundo é constrangido: o "cerco" e a cana, o território é delimitado e a terra é utilizada para um único cultivo. O fim é estático, é único e geral para todos,

começando pelos Kaiowá e Guarani que preveem e sofrem antecipadamente com o controle de seus movimentos.

Os rituais fúnebres são descritos no quarto capítulo, de modo que os cuidados necessários para com os mortos são apontados como uma forma de garantir o caminho do *angue*, o "espírito", e assegurar os vivos diante dos perigos da morte. O cuidado com os ossos, com o corpo e com o lugar do sepultamento são fundamentais para os Kaiowá e Guarani. Para que essas garantias sejam cumpridas eles precisam viver a uma distância específica do cemitério, nem tão próximo da aldeia, mas em seus limites, para que o acesso seja garantido. A questão da terra aparece novamente como um problema que influencia toda a cosmologia Kaiowá e Guarani. As reservas e os acampamentos não consideram o espaço suficiente para os vivos e para os mortos, sendo obrigados a viverem "misturados" (MORAIS, 2017, p. 335).

A recorrência da morte no cotidiano dos acampamentos mobiliza as reivindicações e as retomadas das terras tradicionalmente ocupadas. Diante desse cenário brutal intensificado anualmente, a profecia escatológica é evidente, o "fim do mundo" já começou. Sendo assim, a súplica por uma parcela de terra ganha força, mas não com o intuito de uso próprio para a comunidade e, sim, visando os mortos, para que, pelo menos esses, possam ser guiados à "terra sem males", ou como avalia o autor, a "terra onde nada morre" (MORAIS, 2017, p. 212), enquanto seus ossos se misturam com a terra e seus ancestrais.

Os acampamentos, portanto, são tentativas de aproximar os vivos e os mortos da terra de origem, mesmo com a possibilidade constante de mudança e de extermínio. Diante de tantas ameaças, os Kaiowá e Guarani proferem o fim, resumido pelo autor: "[...] os mortos virão varrer a terra em uma onda de violências, as plantas não mais brotarão, a cana e a soja se espalharão sobre a terra, os remédios serão veneno, e o corpo das pessoas será consumido pelo câncer. Mais ou menos como agora" (MORAIS, 2017, p. 342).

A descrição nativa do convívio com a morte é impactante, bem como as potentes fotografias publicadas junto ao livro. Mesmo sabendo que todos nós estamos no fim, os Kaiowá e Guarani resistem. A luta e a resistência não são uma alternativa, são o único caminho possível. Assim, permanecem em busca da "terra sem males" e sem mortes, possível apenas em um outro plano, na morada dos deuses.

Referências Bibliográficas

BARBOSA DA SILVA, Alexandra. *Mais além da "aldeia":* território e redes sociais entre os guarani de Mato Grosso do Sul. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional, 2007.

CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta:* textos míticos de los mbyá-guarani del Guairá. Assunção: Ceaduc/Cepag, 1997.

CLASTRES, Hélène. *Terra sem mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

METRÁUX, Alfred. *A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1979.

MORAIS, Bruno Martins. *Do corpo ao pó:* crônicas da territorialidade Kaiowá e Guarani nas adjacências da morte. São Paulo: Elefante, 2017.

NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião apapocuva*. São Paulo: Hucitec, 1987.

autora Gabriela de Paula Marcurio

É graduanda em Ciências Sociais pela UFSCAR e membro do grupo Hybris – Estudo e Pesquisa sobre relações de poder, conflito, socialidades.

Recebido em: 06/11/2018

Aceito para publicação em: 26/12/2018